

Go-18.561

B. Marchet
M 811

duas
As humilhadas

Têrça-feira, 9 de Julho de 1957

RUBEM BRAGA

HUMILHAÇÃO

HÁ uma silenciosa ligação das tristezas do mundo... Eu me pergunto que acaso foi êsse que me fêz ler no mesmo dia um poema de Prévert e uma nota do «Jornal do Comércio» de ~~o dia de~~ 1907, transcrita na edição de domingo último.

Traduzo em prosa os versos de Prévert:

«E' numa têrça-feira de tardinha, pelas quatro horas, no mês de fevereiro, dentro de uma cozinha: há uma criada que acaba de ser humilhada. No fundo de sua alma alguma coisa que ainda estava intacta acaba de ser saqueada, ferida. Alguma coisa que ainda vivia e, silenciosamente, sorria. Mas alguém entrou, disse uma palavra cruel a propósito de um objeto quebrado; e aquela coisa que ainda era capaz de rir parou de rir para sempre.

E a criada fica ali, parada, parada diante da pia, e depois começa a tremer. Mas é preciso que ela não comece a chorar, porque se começar a chorar a criada para todo serviço sabe que não poderá mais parar de chorar. Ela traz dentro de si uma miséria tão grande, e a traz há tanto tempo, como se fôsse uma criança morta, entretanto, ainda um pouquinho viva, que ela trouxesse dentro de si. E sabe muito bem, que, derramada a primeira lágrima, tôdas as outras lágrimas viriam, e com isso faria tal barulheira que ninguém poderia suportar, e que a expulsariam, e aquela criança morreria. Então ela se cala».

Agora um resumo da notícia de jornal de 100 anos atrás:

«Anteontem, pelas 9 horas da noite, na rua da Princesa dos Cdjeiros, afogou-se em um poço no fundo da chácara a preta escrava Joana... o sr. subdelegado procedeu a averiguações e corpo de delito e veio no conhecimento de que a dita preta padecia anteriormente de desarranjo do cérebro. A causa imediata do suicídio foi um pequeno castigo que a preta sofrera por ter estado fora de casa todo o dia».

A pobre criada trêmula diante da pia, sentindo alguma coisa morrer dentro de si; a negra escrava no fundo escuro da chácara, diante do poço ainda mais escuro: duas humilhadas, duas irmãs cujas imagens me aparecem no meio da noite e me fazem mal.

1865

356